

UM BAIANO

ROBERTO GONÇALVES CRIOU A BAIANIDADE CANDANGA PARA JUNTAR O BOM DE LÁ COM O DE CÁ

137 MIL
BAIANOS
MORAM
NO DF

PEDRO BRANDT

DA EQUIPE DO CORREIO

Se Brasília precisar de mais uma prova de amor, do tipo retumbante, é só prestar atenção ao bancário Roberto Gonçalves, 49 anos. Natural de Feira de Santana (BA), ele adora uma comida de temperos fortes, o mar, as festas e tem o bom humor malemolente do baiano. Em Brasília há sete anos, sente-se quase um brasiliense. "Quando volto pra Bahia, sinto um desconforto com aquele clima úmido. Sinto falta da secura de Brasília", conta, rindo.

Roberto chegou à capital federal num dia significativo. "Estreei o novo milênio aqui", brinca. Funcionário do Banco do Brasil há 25 anos, ele veio para cá de Salvador (onde morou por cinco anos) em busca de ascensão social e oportunidades. "É uma cidade que oferece mais alternativas", avalia.

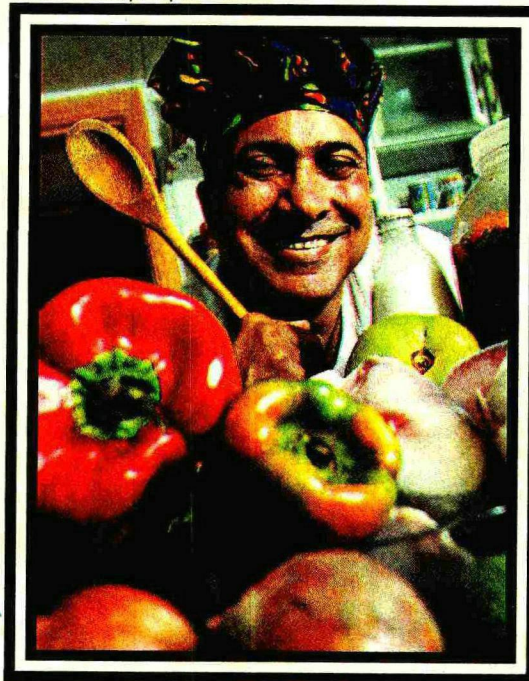
O baiano Roberto tem vocação cosmopolita, o

que facilitou sua adaptação a Brasília. "Me sinto completamente bem acolhido", atesta. "Tenho um filho de 20 anos, que morava com a mãe em Vitória, no Espírito Santo, até 2006. Em pouco tempo, ele já se sentia em casa." O baiano tem vocação cosmopolita. Roberto se entusiasma com a quantidade de brasileiros dos mais diversos estados que conhece a cada novo dia de trabalho. "Certa vez, num bar, éramos pessoas de 18 estados. Isso é muito gostoso. Sou baiano e gosto de todo o Brasil. Se tem uma coisa que eu acho que só Brasília oferece é justamente essa convivência de culturas de todo o país."

Mas, como bom baiano, não esquece as tradições do estado. Foi assim que, tão logo que ele chegou a Brasília, juntou-se a colegas de trabalho também baianos e decidiram organizar uma "lavagem" – cortejo típico que reúne música, dança, religiosidade e comidas. Surgiu assim, a Baianidade Candanga. Com o lema "Do berço para o coração do Brasil", o evento anual – realizado sempre no primeiro sábado de setembro – chega a 2008 com a sétima edição. "Nada para nós, baianos, lembra mais a Bahia que uma lavagem", observa. "É algo que realizamos com pouco dinheiro e sem a preocupação de fazer uma festa certinha. Quanto mais irreverente, mais inusitada, melhor."

Mesmo que a Baianidade Candanga não tenha o mesmo caráter religioso que a lavagem realizada em Salvador em janeiro, a festa reserva um tempo para reverenciar – com muita água de cheiro – o Senhor do Bonfim. Realizada geralmente em algum clube da cidade, o encontro reverte toda a renda arrecadada para instituições de caridade. "É uma festa aberta, mas de divulgação pequena. Mandamos apenas alguns e-mails para os amigos", conta. A lavagem já reuniu mil pessoas. "Descobri que tem mais gente

Cristiano Mariz/Especial para o CB



da Bahia por aqui do que eu imaginava. O curioso é que muitas vezes o número de baianos empata com o de não-baianos. É muito grande o carinho do brasiliense pela cultura da Bahia. Basta você ir a um show de música baiana para perceber isso."

Quando a saudade aperta, Roberto convoca os amigos conterrâneos. "Às vezes, somos 50 baianos juntos num bar. O assunto das conversas? A Bahia, é claro", diverte-se. "Moquequeiro" de primeira qualidade, como ele mesmo se qualifica, Roberto rebate as críticas de que, em Brasília, os restaurantes de comida baiana amenizam os temperos. "Faço questão

"CERTA VEZ, NUM BAR, ÉRAMOS PESSOAS DE 18 ESTADOS. ISSO É MUITO GOSTOSO. SOU BAIANO E GOSTO DE TODO O BRASIL. SE TEM UMA COISA QUE EU ACHO QUE SÓ BRASÍLIA OFERECE É JUSTAMENTE ESSAS CONVIVÊNCIA DE CULTURAS DE TODO O PAÍS"

de pedir para o garçom uma pimenta bem forte. Até hoje não me decepcionei". E se a saudade é da praia, o Lago Paranoá faz as vezes de mar. "Sinto falta do cheiro da maresia, das ondas. Então vou para a beira do lago, apreciar a paisagem."

Voltar para a Bahia não está nos planos deste bancário e economista que também estuda direito (está no sétimo semestre em um instituição particular de ensino superior). "Pretendo juntar as duas atividades para futuramente trabalhar com advocacia. Quero ficar aqui." Roberto é a própria baianidade candanga.